

A ARQUITETURA RELIGIOSA DO CEARÁ E SUA RELAÇÃO COM O ESPAÇO TERRITORIAL E URBANO OITOCENTISTA DA PROVÍNCIA

RELIGIOUS ARCHITECTURE IN CEARA AND ITS RELATION WITH THE TERRITORIAL AND URBAN SPACE OF THE PROVINCE IN THE NINETEENTH CENTURY

Resumo: Oitocentista da província do Ceará. As duas escalas são inter-relacionadas: o territorial e o urbano. Na escala territorial, usaremos a cartografia do visitador Mariano Gregório do Amaral (1800) e a Divisão Eclesiástica do Bispado e da Província do Ceará, elaborada por Thomaz Pompeu de Souza Brasil (1862), onde encontramos o lugar das igrejas matrizes e de algumas capelas imersas no sertão. Quanto à escala urbana, teremos como referência o primeiro registro do edifício religioso no Ceará – as aquarelas de José Reis Carvalho - no final da década de cinquenta daquele século. As notas voltar-se-ão tanto para a formação da incipiente rede eclesiástica como para a arquitetura religiosa no espaço urbano. De longe as torres da arquitetura religiosa pontuam a paisagem sertaneja, anunciando ao viajante oitocentista a chegada ao casario após dias em árido sertão. Observando de perto, não deixaremos de mencionar a importância do edifício religioso no espaço urbano.

Palavras-chaves: Ceará, Barroco, rede eclesiástica, arquitetura religiosa.

Abstract: This essay deals with the religious architectural object and its relation with the territorial and urban space of nineteenth in the province of Ceará, Brasil. The two scales are interrelated: the territorial and urban. At the territorial level will be used the cartography of the visitor Gregorio Mariano do Amaral (1800) and the Ecclesiastical division of the Diocese and the province of Ceará, Ensaio Estatístico da Província do Ceará elaborated by Thomaz Pompeu de Souza Brazil (1862). As for the urban scale, we have reference to the first record of the religious building in Ceará – the watercolors of José Reis Carvalho. The notes will be back the formation of the ecclesiastical network in the territory and the religious architecture in the urban space. From a distance the towers of religious architecture dot the landscape hinterland, announcing the arrival of the nineteenth's travelers after some days in arid sertão. Looking closely, we will not stop mentioning the importance of the religious building in the urban space.

Keywords: Ceará, Baroque, ecclesiastical network, religious architecture.

A tardia colonização do Ceará

O Ceará foi tardiamente ocupado. Somente no século XVIII, o território foi percorrido de norte a sul, de leste a oeste por boiadeiros, que expulsos do litoral açucareiro, partiram em busca de novas pastagens. A atividade da pecuária atribuiu sentido e conteúdo à Capitania durante os Setecentos.

A conquista foi árdua. Na maior parte do ano, o que se via era terra rachada, falta d'água, aqui ou acolá a sombra generosa do juazeiro. Afora o grande rio Jaguaribe e o vale do Acaraú e Coreaú – as duas principais bacias hidrográficas do Ceará – e que ainda assim possuíam trechos e mais trechos sem uma gota d'água, o horizonte era nada acolhedor. Apenas o rastro daquilo que em outros anos – ou meses atrás na estação chuvosa – fora o leito de um rio, de um riacho, repleto de água. De resto, léguas e mais léguas de caatinga. Na maior parte do ano, a paisagem natural não era, portanto, promissora.

Além da realidade física desoladora, a população indígena resistia como podia à ocupação. E não era por menos. Lá chegavam aqueles homens encourados, os futuros sesmeiros, que a qualquer custo se fixaram na região. Estabeleceram-se em pontos estratégicos para a produção e (re)produção do criatório. Montando acampamento em locais favoráveis para o pouso, reconheceram-se como os novos donos da terra.

Os desbravadores ocuparam o território com facão e pólvora; e a população indígena resistiu com arco e flecha. Brigaram os futuros sesmeiros entre eles pela posse do chão, fizeram “correr” e mataram os índios. Os índios reagiram como puderam. Violência pura tingindo de vermelho o solo sertanejo.

Somente depois de aliviado o medo do sertão – do terreno duro, seco, da falta d'água, da vegetação espinhosa, do sol escaldante, da cascavel e da população indígena – estes primeiros povoadores construíram suas fazendas (Figura 1 e 2). A fazenda de gado foi a sede das sesmarias, da unidade familiar, da atividade produtiva e onde se encontraram as condições propícias para os primeiros sinais de acumulação de renda no sertão. Foi também sede da vida política local, de toda autarquia sertaneja e suas famílias com poderes quase que absolutos e da rede de mandos e desmandos que pautou a estruturação do território. Cumpriu ainda o papel de defesa diante da população indígena ou perante outros sesmeiros na luta pela posse das terras. Em seu espaço, presenciou-se o processo de miscigenação e aculturação entre índios e brancos, de fundamental importância para a formação da sociedade cearense. Elas localizavam-se em pontos estratégicos dentro das sesmarias, muitas das vezes em locais elevados e sempre próximos a um riacho ou rio. Todo o programa das fazendas de gado no Ceará estava diretamente associado às necessidades produtivas da pecuária. Além da sede, havia o curral, cercados para a agricultura; em algumas, pequenos açudes e, raramente, uma pequena capela. (JUCÁ NETO, 2012, p. 204-205)

As fazendas mais grandiosas, já do século XIX, ficaram em pé ou se encontram em ruínas. As demais já não existem. A tecnologia empregada foi a própria expressão das possibilidades do real durante a fixação.

Na casa do Umbuzeiro – Município de Aiuába, Ceará, no sertão dos Inhamuns –, um dos poucos remanescentes de uma fazenda setecentista em território cearense, a lem-

brança da casa forte permanece. Uma casa forte porque se fazia como fortaleza ante a adversidade da conquista, diante do ataque iminente dos demais sesmeiros e dos índios; uma casa sem ornatos, sem alpendre, com poucas aberturas, com telhado de quatro águas e paredes externas em alvenaria de tijolo e internas em taipa de sopapo.



Figura 1: Casa do Umbuzeiro (século XVIII) – Município de Aiuába – CE.
Fonte: Foto do autor.



Figura 2: Fazenda Sambaiba (século XIX) – Município de Granja – CE.
Fonte: Foto do autor.

Já na Fazenda Sambaiba do século XIX – Município de Granja, Ceará – o alpendre surgiu como necessidade social, área de convívio, passado o período de animosidade entre os próprios conquistadores e entre estes e a população indígena que se rebelou ante a expansão da pecuária nos tempos iniciais da conquista. Além do alpendre, o

programa permaneceu. Ao lado ou nas proximidades da casa da Fazenda, persistiu um curral e, em alguns casos, uma pequena capela. Se, no entanto, o programa foi alterado com a inserção do alpendre, a tecnologia não rompeu com o século XVIII. Em Sambaíba ainda transparecem técnicas construtivas setecentistas. Também não possui ornatos, foi construída em taipa de sopapo, a telha era aparente, vã.

Nos primórdios da ocupação, ao lado de uma ou outra fazenda, terras foram doadas aos santos pelos próprios conquistadores para a realização dos atos religiosos. A doação, juntamente com a formação dos primeiros aldeamentos indígenas, significava o início da constituição do patrimônio religioso no Ceará.

Na maioria das vezes, as primeiras celebrações aconteceram em altares móveis, frágeis, de madeira roliça; noutras situações, as ermidas eram simples palhoças de taipa de sopapo com uma pequena cruz indicando a sua função. Nos primeiros tempos, inexistiam capelas construídas com alvenaria de tijolo. Assim como as fazendas de gado, hoje são raras as capelas do século XVIII. Nem mesmo as suas ruínas subsistiram ao tempo do sertão. As rugosidades construídas dos primórdios da fixação sumiram com o tempo!!!

Quando tudo era meio natural, o homem escolhia da natureza aquelas suas partes ou aspectos considerados fundamentais ao exercício da vida, valorizando as condições naturais que constituíam a base material de sua existência humana. Ali, respeitando o tempo e o espaço, as técnicas e o trabalho se casavam com o que era possível retirar do imediatamente apreendido e visível.

A arquitetura rural setecentista cearense – da fazenda de gado e de suas capelas dispersas no sertão – pouco alterou a paisagem sertaneja. Em nada ou em quase nada o meio natural foi alterado. A arquitetura era extensão do chão, do sertão, da “civilização do couro”, nas palavras de Capistrano de Abreu. Tudo, ou quase tudo, era feito com couro: as camas, as dobradiças das portas, a roupa... As telhas eram amarradas no madeiramento da cobertura com tiras de couro, assim como a estrutura de madeira da taipa de sopapo.

Esta arquitetura não pode ser medida pela opulência ou variedade de materiais. É uma arquitetura que não denota qualquer esforço adicional, mas também não anuncia submissão à natureza, pelo contrário. Uma arquitetura exata, sem ornatos... Pura... Protege, defende, é espaço da dormida, o lugar da família, a sede da sesmaria, espaço mínimo da congregação religiosa. Está ligada ao homem do seu tempo. Denota a temporalidade de uma economia que atribuiu forma e conteúdo ao território do Ceará durante o século XVIII, que atribuiu marcas no caráter do homem nordestino, do homem cearense. É uma arquitetura sem filigranas, voltada para o imediato, para a atenção da sobrevivência.

A rede eclesiástica na primeira metade do século XIX

Assim como no restante do Brasil, os religiosos fixaram-se no território cearense fundando aldeamentos, catequizando a população indígena, levantando outras tantas capelas de taipa, fazendo valer a ação da igreja contrarreformada. Ao redor de alguns desses aldeamentos, na área adstrita às fazendas de gado e às singelas ermidas, desenvolveram-se alguns aglomerados que, por todo o século XVIII, foram elevados à condição de vilas pelo Estado português no Ceará. No alvorecer do século XIX, o Estado português já havia fundado dezoito vilas na Capitania. Em cada uma delas deveria existir uma capela feita de taipa, ou já uma igreja matriz feita em alvenaria de tijolo. As vilas, os pequenos povoados e as fazendas localizavam-se em pontos estratégicos dos caminhos principais e secundários do Ceará provincial.

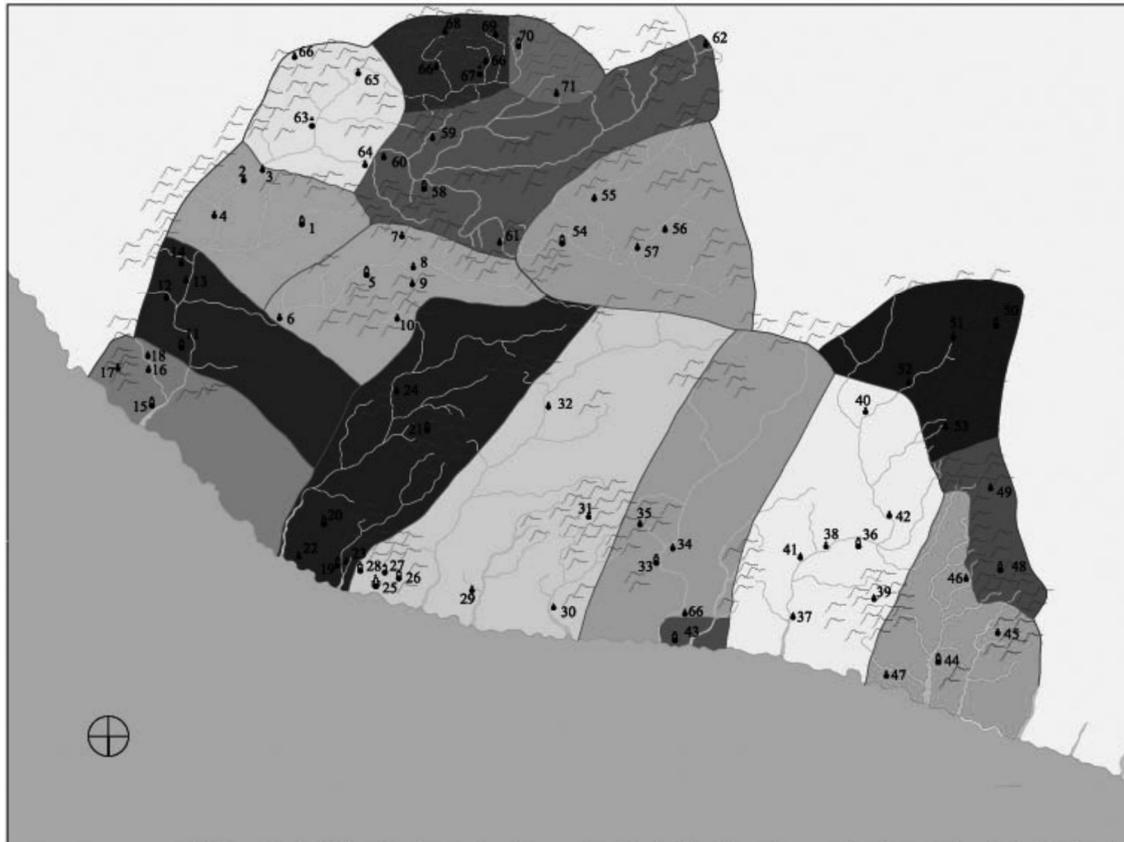
A extrema dispersão do sertão cearense foi alterada durante os Oitocentos, com a organização de uma rede urbana administrativa e eclesiástica e com o crescimento de algumas vilas fundadas pela Coroa durante os Setecentos; vilas que posteriormente se tornaram tímidas cabeças de redes regionais.

No ano de 1800, o visitador Mariano Gregório do Amaral desenhou a capitania¹ com os limites de dezessete freguesias, vinte e duas igrejas matrizes e cinquenta e uma capelas² (Figura 3, 4 e Tabela 1). Uma incipiente rede eclesiástica encontrava-se devidamente implantada, revelando o papel da igreja na organização do espaço territorial do Ceará.

No canto direito da carta de Mariano Gregório do Amaral acha-se escrito *Mapa Geographico da Capitania do Seará*:

Delineado no anno de 1800 por Marianno Gregório do Amaral, natural da cidade do Rio de Janeiro. Viajando por aquela Capitania como Vizitador que então foi della; não vai correito com as observações e pelos erros a que são sujeitas o determinarem-se por cálculos; os grãos são de 18 Legoas cada grão e cada Legoa de 300 toezas: os pontinhos são as divizões das Freguezias; os rios se cortão em tempo deverão; excepto o Rio Salgado, que corre até abaixo do Icó tres Legoas; o maior Comercio desta Capitania He de gado vacuum, e cavalari; algodão, bons coiros cortidos e em cabello e He onde se curtem as melhores solas; há também algumas minas de Salitre e de pedras Preciozas. Petipe de Vinte Legoas.

Em 1863, de acordo com Thomaz Pompeu de Souza Brasil, em seu Ensaio Estatístico da Província do Ceará, o território já contava com trinta e quatro freguesias, ou seja, o dobro das freguesias desenhadas por Mariano Gregório do Amaral. Suas sedes eram Fortaleza, Maranguape, Aquiraz, Cascavel, Imperatriz, Santa Cruz, Baturité, Canindé, Sobral, Santa Quitéria, Acaraú, Santa Ana, Granja, Viçosa, Ipu, Quixeramobim, Riacho do Sangue, Tauá, Arneiroz, Maria Pereira, Icó, Pereiro, Lavras da Mangabeira, Telha (Iguatu), São Mateus (Jucás), Saboeiro, Aracaty, São Bernardo (Russas), Crato, Brejo Grande, Jardim, Missão Velha, Barbalha e Milagres.



Mapa Geográfico do Ceará

⦿ Igrejas Matrizes ♦ Capelas

- Freguesia de N. S. Conceição do Riacho do Sangue
- Freguesia de S. Antonio de Padua da Va. de Campo Maior Quixeramobim
- Freguesia de N. S. do Rosario da Villa de S. Bernardo das Russas
- Freguesia de N. S. do Rosario da Villa de S. Cruz do Aracaty
- Freguesia de S. José de Villa do Aquiraz
- Freguesia N. S. da Assumpção e S. José da Villa da Fortaleza
- Freguesia de N. S. da Conceição da Amontada
- Freguesia de N. S. da Conceição da Villa de Sobral
- Freguesia de N. S. da Conceição da Almolfa
- Freguesia de S. José da Villa da Granja
- Freguesia de N. S. do Amparo da Villa, digo: N. S. da Assumpção da Villa Viçosa Real
- Freguesia de S. Gonçalo da Serra dos Cocos
- Freguesia de N. S. da Paz de Arneiroz
- Freguesia de N. S. do Carmo dos Inhamuns
- Freguesia de N. S. da Expectação de Icó
- Freguesia de S. José dos Cariris Novos
- Freguesia de N. S. da Penha

Figura 4: Mapa das freguesias do Ceará.

Fonte: Vetorização do Mapa Geográfico do Ceará elaborada pelo autor.

Freguesia	Igreja Matriz	Capelas
1. Freguesia de Nossa Senhora do Rosário da Villa de S. Cruz do Aracaty.	Igreja Matriz de Nossa Senhora do Rosário (Aracati).	Capela de Nossa Senhora da Solidade – Povoado de Mata Fresca, Capela de Nossa Senhora da Conceição – Povoado de Jiqui – e Capela de Santa Ana, no Povoado de Caatinga dos Goes.
2. Freguesia de Nossa Senhora do Rosário da Villa de S. Bernardo das Russas.	Igreja Matriz de Nossa Senhora do Rosário (Russas).	Capela de Nossa Senhora das Brotas – Povoado de Taboleiro da Areia, Capela de São João Baptista – Povoado de São João e Capela de N. Senhora do Livramento – Povoado de S. Rita.
3. Freguesia de São José da Vila do Aquiraz.	Igreja Matriz de São José do Ribamar. Sede Aquiraz, Igreja Matriz de Montemor o Velho (atual Pacajús) e Igreja Matriz de Montemor o Novo (Baturité) – Vila de Índios.	Capela de Nossa Senhora da Conceição – Povoado de Cascavel, Capela de Nossa Senhora do Ó – Povoado de Cascavel, Capela de Nossa Senhora da Conceição – Povoado de Itans e Capela de São Gonçalo do Amarante – (sem identificação).
4. Freguesia de Nossa Senhora da Conceição do Riacho do Sangue.	Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição – Povoado de Riacho do Sangue.	Capela de Nossa Senhora das Candeias – Povoado de Jaguaribe Mirim, Capela de Santo Antonio de Pádua – Povoado de Boa Vista e Capela de São Gonçalo de Amarante – Fazenda Santa Rosa.
5. Freguesia de Sto Antonio de Pádua da Vila de Campo Maior de Quixeramobim.	Igreja Matriz de Santo Antonio de Pádua – Quixeramobim.	Capela de Nossa Senhora da Conceição – Pov. de Barra do Sitiá – (Atual Barra do Sitiá), Capela de Nossa Senhora da Boa Viagem – Povoado de Boa Viagem – (Atual Boa Viagem), Capela de Jesus Maria José – Povoado de Quixadá, Capela de Nossa Senhora da Glória – Povoado de Bombaça (Mombaça) e Capela de S. Sebastião – Povoado de Santa Rita – (atual Pedra Branca).
6. Freguesia de N. Senhora da Expectação de Icó – 1715 (EA).	Igreja Matriz de Nossa Senhora da Expectação do Icó.	Capela Bom Fim (Atual Quixelô), Capela de Lavras da Mangabeira, Capela (sem identificação).
7. Freguesia de N. Senhora do Carmo dos Inhamuns.	Igreja Matriz/Capela do Apóstolo São Mateus – Povoado de São Mateus (atual Jucás).	Capela de Senhor Bom Jesus de Dores – Poço do Mato, Capela de Nossa Senhora do Rosário – Povoado de Poço da Pedra, Capela de Nossa Senhora da Purificação – Povoado de Saboeiro e Capela de Santa Ana – Povoado de Telha (Atual Iguatu).
8. Freguesia de São José da Vila de Granja.	Igreja Matriz de São José – Vila da Granja.	Capela de Santo Antonio de Pádua – Povoado de Iboassú, Capela de Nossa Senhora do Livramento – Povoado do Pará e Capela de Santo Antonio de Pádua – Povoado de Olho d'Água.
9. Freguesia de Nossa Senhora da Assumpção da Vila Viçosa Real.	Igreja Matriz de Nossa Senhora da Assumpção – Vila de Viçosa Real.	Capela de São Pedro Apostolo – Povoado de Baipina.
10. Freguesia de Nossa Senhora da Conceição da Villa de Sobral.	Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição – Vila Real de Sobral.	Capela de Nossa Senhora da Conceição – Sítio da Santa Cruz, Capela de Santa Ana do Olho d'Água – Povoado de Santa Ana (?), Capela de São José – Sítio de São José, Capela de Nossa Senhora da Conceição – (Atual Meruoca) e Capela de Santa Quitéria – Santa Quitéria.
11. Freguesia de São Gonçalo da Serra dos Cocos.	Igreja Matriz de São Gonçalo de Amarante – Povoado de São Gonçalo.	Capela de Nossa Senhora dos Prazeres – Antiga Vila Nova D'el Rei, Capela de Nossa Senhora da Expectação e São Sebastião – Ipú e Capela de Nossa Senhora da Conceição – Povoado de Ipoeira (atual Ipueiras).

12. Freguesia de Nossa Senhora da Almo-fala.	Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição.	
13. Freguesia de Nossa Senhora da Paz de Arneiroz.	Igreja Matriz de Nossa Senhora da Paz – Povoado de Arneiroz.	Capela de Nossa Senhora da Conceição – Povoado de Cococi, Capela de Nossa Senhora do Carmo – Povoado de Flores e Capela de Nossa Senhora do Rosário – Vila de São João do Príncipe.
14. Freguesia de Nossa Senhora da Amon-tada.	Igreja de Nossa Senhora da Conceição – Matriz de Montada. São Bento.	Capela de Nossa Senhora da Conceição – Povoação da Amontada, Capela de Nossa Senhora das Mêrces – Povoado de São José da Uruburetama e Capela (sem identificação).
15. Freguesia de Nossa Senhora da Assun-ção e São José da Villa de Fortaleza.	Igreja Matriz de N. Senhora da Assumpção. Vila de Fortaleza, Igreja Matriz Nossa Senhora da Conceição – Vila de Messejana, Igreja Matriz Senhor Bom Jesus dos Afli-tos – Vila de Arronxes e Igreja Matriz Nossa Senhora dos Prazeres – Vila de Soire.	Capela de Nossa Senhora da Solidade – Povoado de Siupé, Capela de Nossa Senhora do Livramento – Povoado de Trairí, Capela de São Francisco das Chagas – Povoado de Canindé e Capela de Nossa Senhora da Penha de França – Povoação de Santa Cruz (Serra da Uruburetama).
16. Freguesia de São José dos Cariris Novos.	Igreja Matriz de Missão Velha.	Capela de Jardim, Capela de Barbalha e Capela (sem identificação).
17. Freguesia de Nossa Senhora da Penha.	Igreja Matriz do Crato.	Capela de Santa Ana.

Tabela 1: Freguesias, Matrizes e Capelas Ca 1800.

Fonte: Mapa Geographico do Ceará - Mariano Gregório do Amaral; Machado (1997).

A arquitetura religiosa cearense na metade do século XIX

Toda a arquitetura civil e ou religiosa do Ceará, que hoje conhecemos, procede dos oitocentos. Embora, na maioria das vezes, os edifícios religiosos ainda fossem providos de uma economia de meios, de ornatos – principalmente até o final da primeira metade do século XIX, período que este pequeno ensaio aborda –, a arquitetura já alterava, de perto, a escala do espaço urbano e podia ser vista a certa distância, pontuando a paisagem sertaneja. No espaço da cidade, na maioria das vezes, as igrejas matrizes encontravam-se na praça principal; ora no alinhamento de alguma rua, mas com a frente voltada para a praça, ora dentro da própria praça. As demais igrejas se diluíam no espaço urbano, dispostas nos alinhamentos das ruas.

Certamente todo viajante oitocentista que cruzou o Ceará, por volta do início da segunda metade dos Oitocentos, de longe avistou as torres brancas das igrejas matrizes de suas vilas e cidades ao se aproximarem das aglomerações. Esses aglomerados não passavam de um amontoado de casas – em sua maioria térrea e feitas de taipa. De longe, no entanto, por mais altas que fossem as construções religiosas na área do pequeno casario, elas não comprometiam a imensidão do sertão. Apenas confirmavam a sua presença e a sua importância no núcleo urbano. Mesmo parecendo pequenas a

distância, as torres das igrejas por entre os casarios sertanejos pontuavam a paisagem. As torres faziam a cidade mais próxima, alterando a distância, anunciando a chegada ao núcleo para os viajantes. Ainda assim, porém, a natureza, o descampado, o grande sertão eram o que saltavam aos sentidos. Os núcleos com suas torres ainda não anulavam a vastidão sem fim a ser desbravada. De perto, contudo, a apreensão era outra. Antes de tudo, a arquitetura religiosa, a igreja, alterava a escala urbana. Dramatizava a chegada, dramatizava a cidade.

Isso deve ter acontecido com os componentes da Comissão Científica que correram grande parte do território cearense de 1859 a 1860. A comissão foi composta por engenheiros e naturalistas brasileiros, com intuito de explorar províncias menos conhecidas do Brasil. Segundo a fala de Manuel Ferreira Lagos³, na sessão de trinta de maio de 1856 do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, os objetivos da Comissão eram os “[...] conhecimentos positivos da topografia, dos cursos dos rios, dos minerais, plantas e animais, dos costumes, língua e tradições dos autóctones, cuja catequese seria também mais facilmente compreendida”, melhor habilitar o governo imperial no conhecimento das “[...] urgências do interior” e na abertura de “[...] novas vias de comunicação, que aumentariam as relações comerciais e, por consequência, a renda nacional” – pois muitas estradas já estavam “[...] prontas pela natureza, só falta conhecê-las para por elas escorregarem as locomotivas”. A Comissão seria ainda incumbida de observações “[...] sobre atmosferologia e climatografia”, assim como a aquisição de “[...] coleções dos reinos orgânicos e inorgânicos” para o Museu Nacional. Por fim, a “[...] descoberta de algum produto” que se “[...] tornasse rival dos mais lucrativos”, como uma “[...] baga” ou a “[...] folha de arbusto para enriquecer qualquer Estado”. À justificativa de Lagos, uma indicação foi assinada por todos os membros do Instituto, reafirmando a importância da formação pela Comissão de uma coleção de “produtos dos reinos orgânicos e inorgânicos, e de tudo quanto possa servir de prova do estado de civilização, industria, usos e costumes dos nossos indígenas”.

A presidência da Comissão e da Seção Botânica ficou ao encargo do médico cirurgião Francisco Freire Alemão. A Seção de Mineralogia e Geologia foi chefiada pelo Dr. Guilherme Schuch de Capanema. Manoel Ferreira Lagos chefiou a Seção de Zoologia; Giacomo Raja Gabaglia, da Astronomia e Geografia e Antônio Gonçalves Dias, da Etnografia e Narrativa Histórica. O pintor José Reis Carvalho fora encarregado de registrar a viagem com seus desenhos e pinceladas.

Transpondo os objetivos primeiros dos viajantes, o diário de viagem do Freire Alemão (2011) e as aquarelas de Reis Carvalho descreveram e registraram as cidades, vilas e os pequenos povoados pelos quais passaram. Tanto os relatos como os desenhos e aquarelas elaborados reafirmaram a importância do edifício religioso, tanto à distância como no espaço urbano de todos os núcleos: pois, mesmo se não fossem “[...] esme-

rados edifícios, como os que terá visto em sua terra ou em outras paragens, serão os mais pretensiosos e, quem sabe, os mais elaborados do lugar.” (MARX, 1996, p. 174) Ao retratar a vila de Arronxes (atual Parangaba), no Ceará, José Reis Carvalho evidenciou a importância da Igreja Matriz Nosso Senhor Bom Jesus dos Aflitos no casario (Figura 4). Também a Igreja Matriz de São José do Ribamar, em Aquiraz (Figura 6), com seu frontispício levemente curvo e frontão com volutas rampantes, sugere a importância da edificação no espaço da cidade. Na época, nem mesmo o segundo pavimento da Casa de Câmara e Cadeia havia sido construído. Tudo não passava de uma pequena vila, com casas térreas de taipa e alguma ou outra de tijolo.

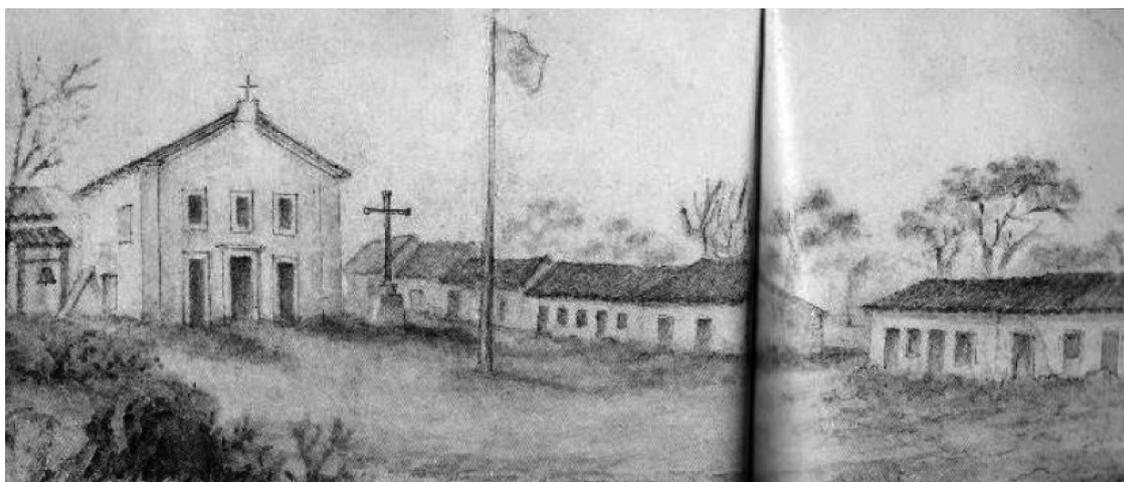


Figura 5: Aquarela de Reis carvalho. A Igreja Matriz Nosso Senhor Bom Jesus dos aflitos e sua relação com o espaço da vila de Arronches.

Fonte: Lorelay, 2009.



Figura 6: Aquarela de Reis Carvalho. A Igreja Matriz São José do Ribamar (Aquiraz).

Fonte: Lorelay, 2009.

Do Aracati ao Icó

Faremos o percurso da Comissão em seu trajeto do Aracati ao Icó⁴, reconhecendo a importância atribuída por Freire Alemão e Reis Carvalho à presença da igreja. Tanto de longe como de perto, esses viajantes desenharam, pintaram em aquarela, descreveram os edifícios religiosos⁵, relataram como estes espaços eram usados cotidianamente pelas populações locais. Somente no Aracati e em Messejana (Figura 7), a Casa de Câmara e Cadeia fora registrada por José Reis Carvalho.



Figura 7: Casa de Câmara e Cadeia de Messejana.

Fonte: Lorelay, 2009.

No dia 23 de agosto de 1859, a Comissão encontrava-se a duas léguas e meia do Aracati. Às sete horas da manhã montaram nos cavalos e partiram do lugar chamado Imburanas. “Por um caminho como o da véspera, isto é, maltratado”, (FREIRE ALEMÃO, 2011, p. 50) seguiram viagem. Às oito e meia, “indo devagar por uma chapada quase igual”, Freire Alemão viu “[...] ao longe um baixado” e presumiu “[...] logo ser o leito ou a vargem” do rio Jaguaribe. “Por entre duas bordas de matas do caminho” avistou “[...] os tetos de algumas casas atrás duma igreja”. Clamou “[...] mui contente: ‘Estamos no Aracati!’”. Lá estavam as torres da igreja anunciando a chegada à cidade. Elas foram vistas de longe!!!

Em seu diário, Freire Alemão registrou detalhadamente tudo o que foi possível no Aracati. O dia a dia dos habitantes, seus hábitos, como se vestiam, o que comiam, como era a qualidade da água, como eram as calçadas...; que a “[...] indústria” que tinha por matéria-prima os produtos da carnaúba era importante, além de dois estabelecimentos

industriais levantados por estrangeiros; um curtume de propriedade de um francês e uma fábrica de sabão, velas e licores de um espanhol. (FREIRE ALEMÃO, 2011, p. 58) Descreveu a Cacimba do Povo – que era “[...] um poço grande coberto e fechado, com bomba e tanques, donde saem algumas bicas” (FREIRE ALEMÃO, 2011, p. 65) – e o espaço interno de uma ou de outra casa.

Logo nas primeiras linhas escreveu que o Aracati era uma “[...] pequena cidade situada junto e ao lado direito do rio Jaguaribe”, que contava com “[...] uma rua larga comprida e algumas travessas e becos, e mais algumas filas de casas formando praças ou ruas”; que possuía muitas “[...] casas de sobrado e algumas de dois andares, pela maior parte velhas e decadentes, mas tem alguns prédios novos e bonitos”; que esta grande rua possuía “[...] largos passeios ou calçadas de tijolo como na capital, ou de pedras brutas, mas bem assentadas, e no meio” era “[...] de areia”, o que produzia uma “[...] poeira fina e incômoda”; que a cidade possuía “[...] quatro bons templos”, mas nenhum estava concluído; “[...] altando acima a conclusão de uma ou de ambas as torres, ou do revestimento interno.” (FREIRE ALEMÃO, 2011, p. 52)

No dia 10 de setembro, Freire Alemão foi à missa na Igreja Matriz Nossa Senhora do Rosário (Figuras 8 e 9). A sua descrição e o lugar dos fiéis durante a liturgia possibilita uma apreensão do espaço interno do templo. Escreveu que a ladainha foi “[...] acompanhada de musica no coro e não estava má”. Que de “[...] baixo respondiam as mulheres [...] num som fino de falsete, que parece canto de criança”. Registrou ainda que o “[...] corpo da igreja tinha grande quantidade de mulheres de lençol pela cabeça, o que produzia um efeito singular”. Além disto, afirmou que as “[...] famílias mais decentes [...] estavam em roda, encostados às paredes pilastras e postos junto à capela-mor, onde havia até moleques de pés descalços, e no corpo da igreja” alguns estavam “[...] entre os vãos das duas portas laterais (entre os quais éramos nós); e maior número fica por baixo do coro, junto à porta exterior, onde era maior o número de pretos.” (FREIRE ALEMÃO, 2011, p. 64)

No dia seguinte, entrou na igreja do Rosário dos Pretos (Figura 10). Disse ser um “[...] templo pequeno com uma só torre do lado direito”. O seu interior era “[...] mui singelo” e a capela-mor “[...] pequenina e pobre”. Possuía dois altares laterais. Já o corpo da igreja era de telha vã com “[...]caibros não lavrados.” (FREIRE ALEMÃO, 2011, p. 66)

No dia 12 de setembro, da janela do sobrado onde estava hospedado, olhou a cidade e a descreveu mais detalhadamente. Somente os edifícios religiosos foram mencionados. (FREIRE ALEMÃO, 2011, p. 66)

Levantei-me e vim para janela, foi agora que reparei em muitos porcos e galinhas soltos na grande rua.

Esta rua tem quase 400 braças de comprido e na frente de nossa casa tem de largura 109 palmos e é toda quase da mesma largura; e parece um pouco torta e mal

nivelada, de areia fina escura [...] tem muitas travessas, estas são estreitas, de 20 a 25 palmos talvez; além desta grande rua há mais uma paralela a esta, não tão larga nem tão comprida e com casas falhadas em muitos lugares da parte do rio, cujas casas desse lado dão fundo para o rio. Do lado oposto, digo do lado do campo há outra paralela, que se pode dizer em projeto, por ter a casas muito falhadas, e há um pequeno número de quadras, é também larga e bem alinhada [...] Ainda para o lado do campo, ou vargem, outra rua larga e direta, e que apenas tem casas do lado da cidade e algumas do lado oposto; esta rua em projeto acaba pelo norte em frente a Matriz, e tem ao lado do campo as duas igrejas, a dos Pretos (Rosário) e a dos pardos (Prazeres).

Há mais outro templo na rua principal, que não é pequeno e tem o frontispício acabado e reparado, com duas torres.

Não entrei nela ainda por estar sempre fechada, no fim há mais uma pequena capelinha a que chamam de nicho [...].



Figura 8: Aquarela Reis Carvalho. A Igreja Matriz Nossa Senhora do Rosário (Aracati).
Fonte: Lorelay, 2009.



Figura 9: Igreja Matriz Nossa Senhora do Rosário (Aracati).
Fonte: Foto do autor.



Figura 10: Aquarela de Reis Carvalho. A Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos (Aracati).
Fonte: Lorelay, 2009.

A descrição é reveladora. Embora faça observações sobre o desenho urbano do Aracati – basicamente uma rua larga entrecortada por becos e travessas – os edifícios religiosos são os que chamam a atenção de Freire Alemão⁶.

Ainda hoje, à distância, as torres das igrejas pontuam a paisagem urbana do Aracati. Do outro lado do Rio Jaguaribe, quando olhamos para a cidade, de longe avistamos as torres da Igreja Matriz de Nossa Senhora do Rosário. Também de longe, assim como Freire Alemão, o pintor Reis Carvalho deve ter logo percebido os edifícios religiosos; mas, pelo que se sabe, ele não os pintou vistos de fora da cidade. Retratou-os de pertinho. De perto, Reis Carvalho pintou a Igreja Matriz de Nossa Senhora do Rosário, a do Rosário dos Pretos, a dos Prazeres (Figura 11) e a Igreja de Nosso Senhor do Bonfim. As pinturas já revelam filigranas, ornatos, detalhes nas fachadas que saltam aos olhos.

No dia 15 de setembro seguiram viagem para o Icó. Todo o percurso foi descrito em minúcias. Em cada pouso, em cada povoado, relatou a recepção dos moradores, a hospitalidade ou a ausência de receptividade. Assim como no Aracati, descreveu detalhadamente o que comeram, onde dormiram, cada sítio, cada fazenda, cada aglomerado, cada casario, um ou outro sobrado, cada capela e cada igreja.



Figura 11: A Igreja de Nossa Senhora dos Prazeres (Aracati).

Fonte: <https://www.cearenordeste.blogspot.com.br>

Logo ao sair do Aracati, a pouca distância da ribeira oposta do Jaguaribe, encontraram um pouso chamado “Passagem.” (FREIRE ALEMÃO, 2011, p. 75) Tratava-se de um “[...] rancho ignóbil, cuja melhor parte, que é fechada e de parede caiada”, onde morava certo Padre Pinheiro, capelão de uma “[...] pequena capelinha”, composta

unicamente pela “[..] capela-mor”, que era “[...] um quartinho onde apenas” cabia “[...] um pequeno e sofrível altar, e na parede encravado um nichozinho de Santa Ana. Fora um pequeno alpendre coberto de folhas, quando lá fui havia uma meia dúzia de mulheres.” (FREIRE ALEMÃO, 2011, p. 74)

No dia seguinte partiram. Caminharam sempre dentro do leito do Jaguaribe, “[...] plano como um terreiro, largo a não se verem os limites, coberto todo de carnaúbas, ora juntas ora dispersas, e por baixo a relva e pequeno mato: estava tudo queimado”. Mas, de “[...] espaço a espaço grandes lagoas que ainda não secaram.” (FREIRE ALEMÃO, 2011, p. 75)

De tempos em tempos cruzavam ou avistavam algumas palhoças, “[...] com seus cercados, algumas vezes mais unidos, outros mui dispersos”. Após duas léguas e meia de caminhada sob um sol quente e grande calor, viram um pequeno aglomerado. Como hesitaram sobre o caminho a tomar e desejaram saber o nome da povoação que avistaram, pararam. O povoado lhes parecia “[...] grande, com igreja”. O seu nome era Jiqui.

Após pequeno descanso, seguiram o rumo da viagem. Andaram aproximadamente mais um quarto de légua e entraram na povoação de Jiqui. “De longe vistos os telhados e grimpas da igreja”, a povoação lhes pareceu bonita. De perto, Freire Alemão expressou sua decepção. Ainda assim Reis Carvalho desenhou a pequena igreja:

[...] de longe [...] nos parece bonita, mas não o é: uma pequena igreja, uma grande praça coberta de mata quadrada, do qual dois lados tinham filas de casas térreas pequeninas e de má aparência, são de telha, caiadas e com suas calçadas de tijolo na frente; mas tudo irregular, umas novas, outras arruinadas; no terceiro lado, esquerdo à igreja, há algumas casas. (FREIRE ALEMÃO, 2011, p. 77)

Ao meio dia, tomaram caminho, e após uma “hora ou mais ou menos, com sol forte e muita poeira”, chegaram à Povoação da Caatinga de Goes.

Esta povoação é bastante, pois a igreja é de 1752, mandada fazer por uma senhora que se presume ser aviúva do Goes, é possível que fossem dois irmãos. É uma pequena capela, que hoje faz a capela-mor do corpo projetado que ficou só nas paredes até altar de cimalha. Consta a povoação de duas filas de casas de telha, térreas (há uma só de sobrado) e pela maior parte insignificantes [...].” (FREIRE ALEMÃO, 2011, p. 79)

Após Caatinga de Goes, no caminho que levava a Russas, examinaram e desenharam pedras, formações rochosas e a vegetação. Nas duas primeiras léguas e meia, a paisagem era a mesma. Sempre os grandes carnaubais e mato seco. Nas palavras de Freire Alemão, “[...] carnaúbas quase únicas e o mesmo pasto queimado e algumas lagoas e casas raríssimas, pouco gado exceto cabras”. Quase que abruptamente, porém, uma nova paisagem surgiu. Por entre as carnaúbas, surgiram árvores que resistiam frondosas mesmo com solo castigado pelo sol. Eram “[...] caraúbas [...], mulungus [...], paus-brancos [...], oiticicas [...], quixabas (*Brumelia*) [...], pajaús [...], mutambas [...]”.

Chegaram a Russas às onze da manhã, com muito sol. A igreja estava no “[...] meio da grande praça quadrilátera; as casas, dispostas em duas filas laterais e uma na frente, são pela parte térreas, mas têm alguns bonitos sobrados”. No dia seguinte, domingo, 18 de setembro de 1859, foram à missa lá pelas dez horas da manhã. Freire Alemão novamente registrou em seu diário o edifício religioso.

A igreja não é pequena, tem três naves, com duas ordens de colunas cilíndricas, baixas e de um gripim enormes (é no gosto na Matriz da capital), mas ainda não estão concluídas, as naves laterais estão ainda em terra e o barroteamento do soalho superior é de carnaúbas e provavelmente ladrilhado por cima; a capela-mor tem seu trono e retábulo com ornatos de bom gosto e dourados – sobre fundo azul claro –, mas tudo se acha um pouco deteriorado. [...] O ponto de vista que oferecia a igreja era curioso: as mulheres enchiam o corpo da igreja [...]. Os homens ocupavam o lugar das grades para dentro, e a gente ínfima ficou à porta da igreja ou por baixo do coro.” (FREIRE ALEMÃO, 2011, p. 82)

Na quinta-feira, dia 22 de setembro, partiram às sete horas e meia da manhã. Sempre seguindo o rio Jaguaribe, por entre carnaúbas e “[...] árvores soltas de várias naturezas magníficas e esparsas”. Chegaram a Limoeiro no final da tarde. Era uma “[...] povoação nova junto à margem direita do Jaguaribe”, com 40 casas de telha, 140 a 150 habitantes, e “[...] em roda das palhoças haverá ainda uns 100 habitantes; de escravos talvez haverá vinte”. A igreja era “[...] boa e nova, não concluída ainda; porém feitas de maus materiais, está arruinada, e o padre a tenciona consertar e acabar”. O pintor Reis Carvalho a desenhou. (FREIRE ALEMÃO, 2011, p. 84)

De Limoeiro foram a Taboleiro d’Areia. Lá, novamente o edifício religioso chamou atenção e foi descrito em minúcias.

A igreja, com as cerimônias que se lhe tem feito, é um excelente templo para este lugar: a sua frente é nova, de gosto moderno, e não deixa de ter elegância; o corpo da igreja tem corredores laterais e é espaçosa; tem também corredores e coro. A capela-mor é pequena e foi uma capelinha antiga, o seu retábulo tem esculturas de bom desenho, dourados, sobre azul – o frontal do altar é de tábuas, mas pintado fingindo muito bom damasco branco com galões e franjas de ouro. Tem mais três altares laterais: do Rosário, do Senhor dos Passos, que é uma imagem grande e boas, e da Conceição. Tem a igreja uma torre alta, ao lado esquerdo [...]. (FREIRE ALEMÃO, 2011, p. 85)

No dia 26 de setembro seguiram viagem pelo “[...] vale e ribeira direita do Jaguaribe”. Saíram às sete da manhã. Às dez horas chegaram ao Povoado de São João. A paisagem do percurso até a povoação já anunciava a chegada do alto sertão, árido e seco.

O vale, ou ribeiras, do Jaguaribe, nesta viagem do Tabuleiro a S. João, nos apresentou já certa mudança; já eram essas vargens largas e planas como um terreiro, mas sim semeadas de morros, ou pequenas colinas, mais ou menos pedregosas [...] e por entre os quais é o vale coberto de matas da caatinga, com pasto, seco, por baixo raras ou nenhuma carnaúbas, por onde passávamos. As matas são de *pau branco*, que estão quase desfolhadas, e as folhas que restam murchas ou secas, carregadas de fruta; *pereiros* quase sem folhas. Por entre essas árvores de aspecto tristonho vicejavam as oiticicas [...], *juazeiros* [...], *marizeiras* [...], *quixabeiras* [...], *mulunguns* [...], *caraúbas* [...]. (FREIRE ALEMÃO, 2011, p.90)

São João não passava de uma pequena “[...] carreirinha de casebres [...] sujos e arruinados [...] ao lado esquerdo da igreja, ficando entre estes e as casas uma espécie de beco, ou caminho desigual e pedregoso”. A igreja não era pequena, mas encontrava-se inconclusa e no mais completo abandono. Nunca fora concluída, afirma Freire Alemão. (2011, p. 91) A igreja era de telha vã e o piso de tijolo, “[...] servindo de cemitério”, estava toda “estragado”.



Figura 12: Aquarela do Reis Carvalho. Icó com as torres das Igrejas de N. S.a da Expectação do Icó e do Bom Fim.
Fonte: Lorelay, 2009.

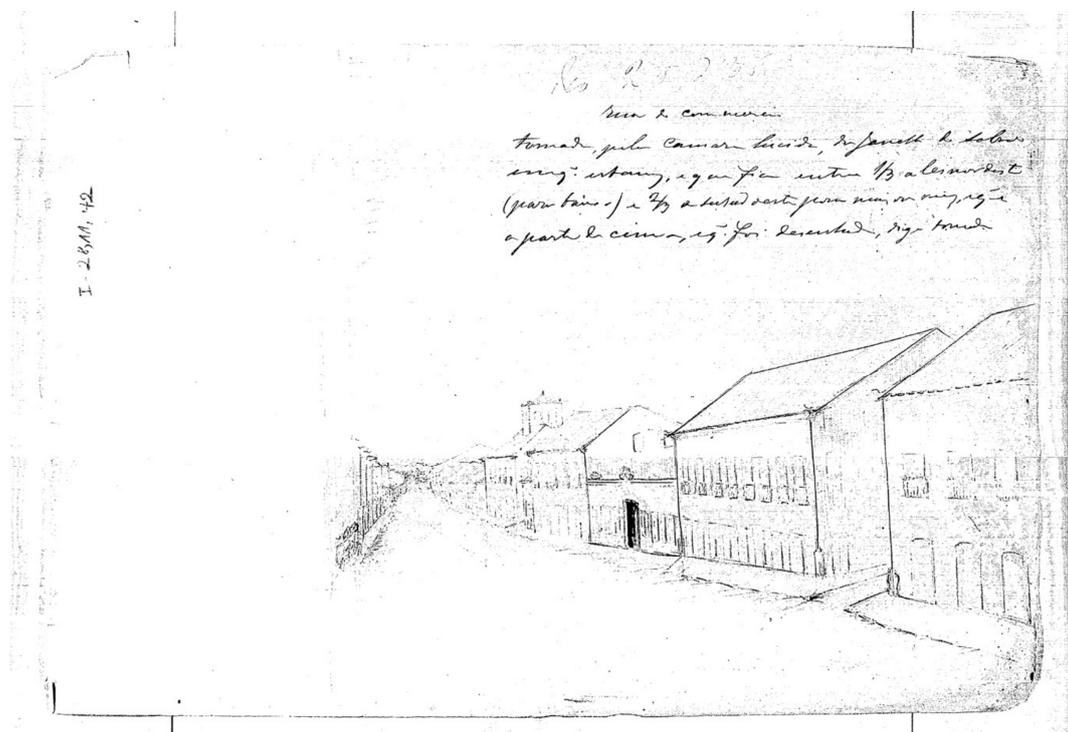


Figura 13: Desenho de Freire Alemão. Rua Grande Icó. Sobrados.
Fonte: Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro

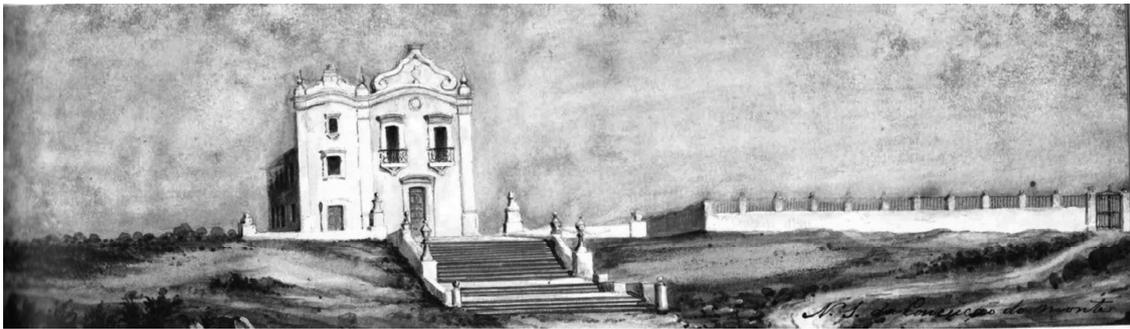


Figura 14: Aquarela do Reis Carvalho. Igreja do Monte.
Fonte: Lorelay, 2009.



Figura 15: Igreja Nossa Senhora da Expectação do Icó no Largo do Theberge.
Foto: Arquiteto Ramiro Teles.

Na capela-mor se poderia ainda ver a tarja, “[...] pinturas e douradores sofríveis e teve boas alfaiais”. (FREIRE ALEMÃO, 2011, p.91)

Saíram de São João no dia 27 de setembro. O Jaguaribe adquiria mais e mais o “[...] aspecto do sertão [...] tornando-se mais “[...] montuoso, mais pedregoso”, as carnaúbas diminuía e apareciam caatingas e tabuleiros. Depois de São João, cruzaram outras pequenas povoações e chegaram ao Icó no dia quatro de novembro de 1859. (FREIRE ALEMÃO, 2011, p. 92)

Do alto da Igreja do Rosário dos Pretos, Reis Carvalho pintou o Icó (figura 12). De longe percebeu as torres das igrejas de Nossa Senhora da Expectação e do Bom Fim, despon-

tando no casario, além de dois ou três sobrados (figura 13). De perto, pintou a igreja do Monte (figura 14), no alto de uma pequena colina. Curiosamente, em seu diário, Freire Alemão não descreveu os edifícios religiosos do Icó. Evidentemente, no entanto, eles imperavam no espaço, como ainda imperam no Largo do Theberge (figura 15).

Igrejas barrocas cearenses

O arquiteto José Liberal de Castro (1980, p. 86) em sua tese de Docência Livre - Notas relativas à arquitetura antiga do Ceará - reconhece um “[...] visível exagero” quando dizemos “[...] igrejas barrocas sertanejas”. Quase todas as igrejas do Ceará iniciadas no século XVIII foram concluídas durante os Oitocentos, quando as referências neoclássicas também já haviam alcançado o território cearense.

Na perspectiva de José Liberal de Castro (1980, p. 86), ao analisarmos de forma imparcial, o que se verifica é a “[...] ocorrência quase episódica de alguns elementos comuns ao vocabulário barroco, nem sempre graciosos ou bem empregados”. São “[...] elementos absorvidos pelo vocabulário barroco nacional”, e no Ceará, “[...] sempre mal copiados de igrejas recifenses (Santo Antonio), goianenses e olidenses (N. S. do Monte) ou alagoanas (S. Francisco, de M.al Deodoro)”. Portanto, a ocorrência episódica não significou a criação em território cearense de um vocabulário novo – como o da escola franciscana no litoral nordestino durante do século XVII – tampouco revelou a perpetuação de padrões - como o programa da arquitetura jesuítica no restante do Brasil. Lembramos a ausência de conventos no Ceará, mesmo onde os jesuítas se fixaram,

Nos edifícios religiosos do Ceará, não se encontra “[...] o esplendor da arte barroca brasileira” que “[...] se refugia no interior das igrejas, principalmente nos retábulos”. As obras apresentam “[...] sempre uma aparência muito simples, quase severa, principalmente nos interiores, num franciscanismo plástico, decorrente, não apenas das poucas riquezas do meio, mas expressão arquitetônica da alma de um povo”. Plasticamente, a expressão barroca das igrejas cearenses restringe-se à aplicação de “[...] volutas rampantes em frontões de desenho renascentista ou frontões de risco de aparência barroca ou mesmo rococó”, “[...] cúpulas bulbosas ou em barrete de clérigo”; ou ainda, uma ou outra portada trabalhada. (CASTRO, 1980, p.86).

José Liberal de Castro (1980, p. 94) ainda assevera que, no espaço interno, “[...] a obra de talha pouco se encontra e a imaginária de valor é rara”; que quando se fazia presente, “[...] geralmente provinha de Pernambuco, não obstante fosse montada por carpinas cearenses”. (CASTRO, 1980, p. 95).

Os retábulos são muito simples, apresentando pouco douramento; apenas simples filetes dourados, evidenciando a escassez aurífera do território. Em sua descrição, Liberal de Castro reconhece os retábulos como de uma “[...] comovente pobreza”, no entanto:

“[...] a composição é completamente simplificada, deixando bem marcados os elementos estruturais, com clara evidência das colunas”, enquanto “[...] a composição de coroamento se faz através de motivos conchoidais quase isolados. Como o douramento se reduz ao mínimo, prevalece o branco no conjunto”. Em sua maioria, fazem ecoar as referências neoclássicas oitocentistas do Brasil.

As mesmas referências de inspiração neoclássica são observadas nas arcarias abertas em planta baixa, com o acréscimo das naves laterais. A maioria das igrejas não possuía “[...] forro ou eram forradas apenas na nave principal ou na capela-mor, em gamela, com tabuado de ‘saia e camisa’”, melhoramento ocorrido durante os Oitocentos. (CASTRO, 1980, p. 94) Portanto, “[...] não se observam, jamais as soluções cenográficas barrocas, da pintura dos forros, salvo nos casos excepcionais das capelas-mores das igrejas de Nossa Senhora da Assunção”, em Viçosa, e “[...] São José de Ribamar”, no Aquiraz.

Do Aracati ao Icó, no percurso da Comissão Científica que acompanhamos de perto, encontramos algumas igrejas de feições barrocas, com visíveis influências das igrejas de Pernambuco e da Bahia. No espaço do Aracati, a Igreja de Nossa Senhora do Rosário é a mais importante. Foi tombada por lei federal em 1957. Tal como a maioria das igrejas cearenses, o edifício insere-se na lógica da organização espacial dos templos religiosos brasileiros com herança lusitana. A unidade do conjunto é gerada tanto na volumetria como em planta baixa a partir da figura do retângulo. A planta retangular apresenta nave central com corredores laterais que dão acesso à sacristia e ao consistório e não foi alterada, como a maior parte dos edifícios religiosos cearenses, com a introdução de aberturas em arcos nas paredes dos corredores laterais que dão para a nave. A fachada do templo é alinhada por cunhais e três portadas, marcadas com um trabalho de arenito baiano. Um frontão triangular com linhas curvas e volutas arremata o corpo principal da igreja. O edifício possui uma só torre, finalizada em forma de bulbo com pináculos. (JUCÁ NETO, 2010, p.72)

Os edifícios religiosos do Icó constituem um conjunto urbano singular de igrejas barrocas no Ceará. (CASTRO, 1980, p.87A) A Matriz de Nossa Senhora da Expectação lembra a Igreja do Convento do Carmo, no Recife. A Igreja de Nossa Senhora do Rosário se assemelha à Igreja matriz de Santo Antonio, também na Capital pernambucana. Já a Igreja de Nosso Senhor do Bonfim, orago de procedência baiana, se parece com algumas igrejas de Salvador, do final do século XVIII, com seu frontão de ponto baixo, “[...] volutas miúdas, um tanto à rococó, sobreposto a cornija pronunciada e reta”. Completando o conjunto, a Igreja de Nossa Senhora do Monte, mais afastada, “[...] já fora de portas”, apresenta frontispício que possui alguma relação com a Igreja de Nossa Senhora da Conceição das Jaqueiras, mais uma vez do Recife. A sua implantação, no alto de uma pequena colina, solicita um “[...] acesso em escadaria de encosta”, único no Ceará. (CASTRO, 1980, p. 87) A forma com que a implantação se adaptou ao declive do terreno é uma feliz expressão da dinâmica barroca. (CASTRO, 1980, p. 232)



Figura 16: Igreja de Nossa Senhora da Conceição de Almofala.

Foto: Acervo IPHAN/CE.

A despeito das principais referências barrocas no Ceará se encontrarem ao longo do rio Jaguaribe, entre o Aracati e Icó; também em outros pontos do litoral, no alto de uma serra, no longínquo sertão, pequenas capelas e outras igrejas revelam a permanência ou uso do vocabulário barroco. É o caso dos frontões da Igreja Matriz da Palma, em Baturité, das Igrejas de Nossa Senhora da Conceição⁷ e de Nossa Senhora do Rosário, em Sobral, da Igreja Matriz de Igreja Matriz de Nossa Senhora Sant'Ana de Santana do Acaraú, dentre outras.

Exceção à ocorrência epidérmica da referência barroca em território cearense é a Igreja de Nossa Senhora da Conceição, localizada no povoado de Almofala, a 233 km de Fortaleza, no Município de Itarema. A capela de Nossa Senhora da Conceição dos Tremembés, mais conhecida por Igreja da Conceição da Almofala (figura 16), integrou um aldeamento dos índios tremembés. O início de sua construção remonta aos primórdios do século XVIII, sendo concluída por volta de 1758.

A igreja foi construída em tijolo, argila e cal. A fachada principal, correspondente à nave central, possui frontão triangular de ponto elevado com um óculo na base, arrematado por volutas rampantes e ladeado por dois pináculos. A relação entre a altura do frontispício e o ponto de telhado bem mais baixo, na proporção de 4:1, pode ser observada em algumas capelas jesuíticas, como o antigo colégio de São Pedro d'Aldeia, no Estado de São Paulo. É a única referência da arquitetura rural jesuítica na Igreja de Almofala. As vazaduras, a porta central ladeada por duas janelas mais ao alto, seguem a tipologia das igrejas mineiras. Tanto a porta principal como as janelas

do coro apresentam ombreiras e vergas em pedra. As duas portas secundárias que dão acesso aos corredores laterais são em arco abatido, com ombreiras e vergas decoradas. A igreja possui apenas uma torre retangular com sineira, coroada com um risco claramente joanino, que alcançou o Ceará no fim do reinado de D. José I ou já no período de D. Maria I e onde transparece o desenho do coroamento do mosteiro de Mafra. Não se sabe como se deu a transposição, ainda que parcial, deste risco português de cunho erudito nas praias do Ceará durante o século XVIII. A igreja possui nave, capela-mor e corredores laterais de cada lado da nave e sacristia. O coro é em madeira com balaustrada. A transição da nave para a capela-mor é feita com um arco pleno, ladeado de arcos menores que formam altares laterais fazendo nichos, também em arco pleno, com ombreiras decoradas e encimadas por volutas. (CASTRO, 1983; JUCÁ NETO, 2010, p. 110)

Um documento assinado em 30 de abril de 1758, publicado na revista do Instituto do Ceará (1895), confirma que a obra foi custeada pela Irmandade de Nossa Senhora da Conceição de Almofala, e não dos jesuítas, e que teve Jozé Lopes Barbalho como seu principal construtor. Segundo Barbalho, a Irmandade lhe encarregou tanto das paredes como do madeiramento da coberta, além do arco da capela-mor, do cruzeiro e portais das portas travessas, da porta principal e das janelas do coro. Em 17 de agosto de 1758, Barbalho voltou a escrever certificando que as portas da igreja e sua tribuna já estavam concluídas. (JUCÁ NETO, 2010, p.110)

Vistas de longe, desenhadas de perto

Uma rede eclesiástica, a despeito do árduo espaço natural a ser ocupado no território cearense, foi organizada durante os séculos XVIII e XIX. Por todos os Setecentos, a igreja antecipou mesmo a fixação do Estado português. No alvorecer do século XVIII, um vasto território e uma única freguesia. Na virada do XVIII para o XIX, dezessete freguesias e, de acordo com o visitador Mariano Gregório do Amaral, uma incipiente rede eclesiástica composta por vinte e duas igrejas matrizes e cinquenta e duas capelas. Na segunda metade dos Oitocentos, o Ceará achava-se dividido em trinta e quatro freguesias, evidentemente, no mínimo com o mesmo número de matrizes.

Aos edifícios religiosos, quase que invariavelmente, foi atribuída uma especial atenção nas observações dos viajantes da Comissão Científica que correu o Ceará na metade do século XIX. Não era à toa. Não fugindo à tradição do espaço colonial brasileiro, a análise das aquarelas de Reis Carvalho revela a importância do edifício no espaço de cada vila, de cada povoado, mesmo durante os Oitocentos. A sua importância no ordenamento do espaço físico e social dos aglomerados também não escapou das impressões de Freire Alemão registradas em seu diário.

Para os viajantes da Comissão Científica, aquilo que de longe era apenas uma torre, de perto no Aracati e no Icó era uma igreja sólida, de alvenaria de tijolo; algumas com porta de almofada em madeira maciça, outras com algum ou outro ornamento no frontispício, no frontão. De perto, as torres adquiriam outra dimensão, outra escala. A igreja se mostrava grandiosa. Impunha-se no espaço urbano, muitas vezes de forma soberana – expressão de um Barroco tardio em pleno sertão do Ceará oitocentista. Simples, em nada comparável com o distante Barroco de Ouro Preto, de Salvador ou do Recife, mas ainda assim significativa na escala da cidade; ou à distância, para a escala do sertão. Um arcaísmo arquitetônico pintado minuciosamente por Reis Carvalho, pintor da Comissão: um arcaísmo, fruto das condições de um território onde tudo se materializou tardiamente.

Em algumas cidades do Ceará no século XIX, tanto de longe, pontuando a imensidão do sertão, como de perto, alterando a escala urbana do núcleo, a arquitetura religiosa com seu vocabulário barroco; suas volutas rampantes, cúpulas bulbosas, desempenhavam seu papel: chamava atenção e comunicava-se com o fiel. Não deixou de ser a expressão tardia do Barroco no espaço territorial e urbano do Ceará.

Clóvis Ramiro Jucá Neto possui graduação em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal do Ceará (1986), mestrado em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal da Bahia (1992), doutorado em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal da Bahia (2007), com sanduiche na Universidade do Porto (2004-2005). Atualmente é Professor Adjunto da Universidade Federal do Ceará. Tem experiência na área de Arquitetura e Urbanismo, com ênfase em História da Arquitetura e Urbanismo, atuando principalmente nos seguintes temas: História da Urbanização e do Urbanismo do Ceará no século XVIII e XIX, Arquitetura Urbana e Rural do Ceará século XVIII e XIX e Arquitetura Moderna de Fortaleza. Em 2012 lançou o livro, de sua autoria, *Primórdios da Urbanização no Ceará* e organizou, no mesmo ano, com Maria Berthilde Moura Fliha, a coletânea *Vilas e cidades*.

Notas

- 1 O Ceará foi cartografado tardiamente por João da Silva Feijó nos últimos meses do século XVIII ou nos primeiros do ano de 1800. Supomos que a cartografia de Feijó serviu de base para o desenho de Mariano Gregório do Amaral. Mariano Gregório do Amaral era natural do Rio de Janeiro. Até o momento, sabemos poucas informações sobre o religioso. Segundo um requerimento anterior a data de 28 de julho de 1804, o próprio Mariano Gregório do Amaral escreveu ao príncipe regente D. João pedindo que ordenasse a José Maria de Araujo, bispo eleito de Pernambuco, que este examinasse seus requisitos e o aceitasse para a Cadeira de Desenho no Seminário Episcopal, pois afirmava possuir as qualidades necessárias, por ser aluno da Real Academia de Desenho de Lisboa. Em resposta ao requerimento, no dia 28 de julho de 1804, o bispo de Pernambuco afirma que Gregório do Amaral não “mostrou pello menos com certidoens legais aos Professores, com que deveria documentar o seu requerimento”, fazendo-o preferir o sacerdote João Ribeiro Pessoa, “actualmente empregado”; cf. AHU_ACL_CU_015, Cx. 249, D.16728. Arquivo Histórico Ultramarino, Lisboa. Reprodução do Projeto Resgate.
- 2 É possível que mais outras ermidas capelas existissem nas fazendas de gados. Todas, contudo, deveriam ser de pequeno porte, feitas de taipa de sopapo.
- 3 A fala de Manoel Ferreira Lagos encontra-se parcialmente transcrita na *História da Comissão Científica de Exploração*, de Renato Braga (1982, p. 16).
- 4 A Comissão deixou Fortaleza no dia 16 de agosto de 1859. Chegou ao Aracati no dia 24 de agosto e partiu para o Icó no dia 15 de setembro do mesmo ano. O caminho seguido do Aracati ao Icó, margeando o rio Jaguaribe, era o caminho de uma das principais estradas setecentistas cearenses: a Estrada Geral do Jaguaribe. O rio Jaguaribe nasce na região dos Inhamuns, próximo ao Piauí. Segue em direção a cidade do Icó – situada na região centro-

sudeste do Ceará – onde faz uma inflexão para o norte seguindo até a sua foz, 15 km após a cidade do Aracati.

5 Em Fortaleza, nas cidades localizadas em seus arredores, no percurso da capital cearense ao Aracati, do Aracati ao Icó, assim como nas demais regiões do Ceará percorridas, igrejas também foram descritas, desenhadas e pintadas.

6 Freire Alemão e Reis Carvalho também desenharam a Casa de Câmara e Cadeia do Aracati.

7 Segundo José Liberal de Castro (1980, p. 88), “de todas as igrejas cearenses, está no Sobral aquela que acusa mais nitidamente as origens pernambucanas é a Sé de Nossa Senhora da Conceição de Caiçara, que reproduzindo com exatidão o modelo do frontão sobreposto a cornija em arcos sucessivos, envolvendo um trio de óculos. A catedral sobralense é a igreja Matriz de Santo Antônio, do Recife, cidade de onde deve ter vindo o projeto, trazido pelo Padre João Ribeiro Pessoa, de Igarapu, responsável inicial pelas obras”.

Referencias

ABREU, João Capistrano de. *Capítulos de história colonial: 1500 – 1800 & Os caminhos antigos e o povoamento do Brasil*. 2.ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998.

ALEMÃO, Freire. *Diário de viagem de Francisco Freire Alemão (1859 – 1861)*. SILVA FILHO, Antonio Luiz Macedo; LOPES RAMOS, Francisco Regis; RIOS, Kênia Sousa. (Org.). Fundação Waldemar Alcântara. Fortaleza. 2011.

O texto de ALEMÃO integra uma obra organizada por outros autores?

BRAGA, Renato. *História da Comissão Científica de Exploração*. Coleção Mossoroense. Volume CC. SUDENE. Universidade Federal do Ceará. Fortaleza. 1982.

CASTRO, José Liberal de. *Notas relativas à Arquitetura Antiga no Ceará*. Tese Livre-docência. UFC. 1980.

CASTRO, José Liberal de. Aspectos da arquitetura no nordeste do país. In: ZANINI, Walter (Org). *História Geral da Arte no Brasil*. São Paulo, 1993.

Dous documentos sobre a Igreja de N. S. Conceição dos Tramanbés. In: *Revista do Instituto do Ceará*. Ano IX. Fortaleza, 1895.

Não há autor?

JUCÁ NETO, Clovis Ramiro. *Primórdios da Urbanização no Ceará*. UFC/BNB. 2012.

JUCÁ NETO, Clovis Ramiro. Igreja de Nossa Senhora da Conceição (Almofala). Igreja Matriz de Nossa Senhora do Rosário (Aracati). In: *Patrimônio de Origem Portuguesa no Mundo. Arquitetura e Urbanismo*. Fundação Calouste Gulbenkian. 2010.

KURY, Lorelay (Org). *Comissão Científica do Império. 1859 – 1861*. Andrea Jakobsson Estúdio Editorial. Rio de Janeiro. 2009.

MACHADO, Pe. José de Almeida. Notícias das freguezia do Ceará. In: Documentação Primordial sobre a Capitania do Ceará. Ed. Fac-símile de separatas da Revista do Instituto do Ceará. Fundação Waldemar Alcântara: Fortaleza, 1997.

MARX, Murillo. *Cidade do Brasil terra de quem?* São Paulo: Nobel: Editora da Universidade de São Paulo, 1991.

MARX, Murillo. Olhando por cima e de frente. In: *Brasil dos viajantes*. Revista USP. São Paulo, 1996.